

Atlas
Motor

Stadium

N.º 20 || 21 de Abril de 1943



A beleza do futebol sobressai neste esplêndido instantâneo de Nunes d'Almeida: Mourão, a-pesar-de carregado, centra no seu estilo impecável!

ORGANIZAR uma selecção em qualquer desporto foi, sempre, um problema complexo. É, pelo menos, problema com larga margem para divergências — em pontos de vista, ou em nomes. E às vezes não é tanto pelos atletas escolhidos — como pelos que ficavam de fora...

Os argumentos para a discordância é que variam um pouco. Quasi tudo se ree — para desculpa, ou para o ataque. Não seria por certo difícil procurá-los para as selecções que jogaram no domingo. Mas não é esse o objectivo desta anotação.

HÁ um procedimento que está generalizado, a propósito das selecções — deixar os comentários para depois dos jogos. A desculpa é fácil — não criar dificuldades à acção do seleccionador. Que faça o que quiser. Será culpado depois...

Uma consequência curiosa desta atitude é ficarem os comentários dependentes do resultado do jogo — ou da exibição. Com um bom resultado, é difícil dizer mal de qualquer selecção... Quem ganha, joga bem!...

TUDO serve para justificar uma escolha ou não aproveitamento de qualquer jogador. Mas há um estribilho frequente — o seleccionador tem de transigir com os grandes núcleos. Um jogador de fama não pode ficar de fora, por menos útil que possa ser no jogo de equipa, em que a conjugação de esforços constitui qualidade fundamental. E as inclinações do público podem contribuir para criar ambiente favorável a uma exibição em cheio.

APESAR de tudo, o lugar de seleccionador, sendo dos mais ingratos, não é dos menos apetecidos. Podemos até acrescentar que é mais difícil formar uma selecção que encontrar um seleccionador... Há sempre quem tenha uma selecção — no bolso...

O jogo das duas selecções, no domingo passado, veio pôr, no campeonato nacional de futebol, uma pausa que estava sendo necessária, para descanso de toda a gente que toma parte no campeonato, ou que o segue com interesse ou entusiasmo. Gastam-se os nervos, com a sucessão das jornadas. Principalmente com os grandes clubes são frequentes os sustos...

Convém, por isso, descansar de quando em quando. Retemperam-se os nervos...

NESTA altura do campeonato, a quatro domingos do fim, é costume entrar em cena a matemática... Perde-se uma boa porção de tempo, antes de cada domingo de jogos, a formar hipóteses sobre os possíveis resultados e a fazer as respectivas contas...

Se determinado clube ganhar e outro perder em tal parte, pode um outro contar à frente. Mas neste perder, e noutro ganhar, etc... Não falemos das hipóteses que se podem dar; notemos, apenas, que há muito quem ande agora de papel e lápis na mão, a fazer contas...

ENTRE as colectividades que estão festejando os seus aniversários, destacamos o Sport Lisboa e Benfica, o Futebol Clube Barreirense e a Associação Naval de Lisboa — esta a agremiação mais antiga da península.

Aos três, os nossos parabéns.

A PROVÍNCIA E O FUTEBOL

O Policiamento dos Campos

QUEM ande pela província toma por vezes conhecimento de problemas que passam despercebidos em Lisboa.

A cidade é grande. Há todos os domingos um número regular de jogos. E algumas das pessoas que superintendem no assunto acompanham o desporto de perto. São por isso conhecidas as necessidades do meio. E as indicações dos dirigentes desportivos merecem o acatamento que resulta da sua especialização.

Fora de Lisboa, o caso muda manifestamente. De umas vezes pode haver paixão — e já assistimos, há anos, num campo da província, a exemplo bem sugestivo... Noutras há, porém, desconhecimento das necessidades do meio — quando não há conhecimento exagerado... Os pequenos núcleos de população são, até certo ponto, os focos mais perigosos — na forma de exteriorizar o seu entusiasmo. Todos os habitantes são mais ou menos conhecidos uns dos outros. E têm aparecido casos de preocupação profissional que levam a não aceitar conselhos úteis.

Não queremos indicar concretamente nenhum exemplo desta ordem, visto que o problema não interessa sómente ao seu aspecto doutrinário. Disseram-nos, porém, que, há relativamente pouco tempo, num caso em que se chegou à interdição do campo, bastaria que fôsse aceite a sugestão de um delegado federativo para que as coisas não atingissem a importância alcançada. Bastaria aplicar a conhecida filosofia de que vale mais prevenir do que remediar.

É indispensável que não afrouxe a repressão de todos os actos de indisciplina. É preciso que as manifestações públicas de desporto se caracterizem por um apuro, de atletas e público, que não exclua a vibração pelo desporto e pela própria luta no campo desportivo. Mas convém que todos que, pelas suas funções, têm de cooperar no policiamento dos campos, o saibam e possam fazer com a cautela necessária, procurando prevenir os factos, de modo a evitar que eles se registem ou agravem.

No meio termo, está a virtude.

NUM torneio como o campeonato nacional de futebol, demorado e em «poule», andam por vezes em desacôrdo os interesses dos clubes — com os interesses do público. Agora, por exemplo, é manifesta a diferença de opiniões... Ao Benfica o que lhe convém é distanciar-se dos outros clubes. E a comição desportada pela sucessão das jornadas aumentaria com a derrota do «leader».

Um vencedor certo, a quatro domingos do fim, não seria coisa agradável — para os outros clubes.

A temperatura vai subindo — e a época do futebol aproxima-se do seu termo. Há apenas quatro jornadas para findar o campeonato nacional — e falta, depois, a «Taça de Portugal». No todo, temos pouco mais de dois meses para o defeso.

Os desportos de verão substituem o futebol a pouco e pouco. Vão entrando na sua época própria mas não conseguem substituir o entusiasmo que acompanha todas as manifestações da bola. E logo que o futebol entre no período do repouso anual, começa o desejo de os ver reaparecer...

EM Espanha terminou já o respectivo campeonato nacional de futebol, também disputado em «poule». Foi ganho pelo Atlético de Bilbao. Com o título de campeonato de Espanha, ou com o antigo título de campeonato da Liga, vem o respectivo torneio de 1929-1930... Pois o Atlético de Bilbao é o primeiro clube que triunfa na prova pela quinta vez. Conquistou, por isso, em definitivo, a taça instituída em 1929. O Atlético de Bilbao, para 26 jogos do campeonato, tinnfo em 16, empatos 4 e verdes 6, totalizando 33 pontos. Marcou 73 bolas e sofreu 38. E ganhou o torneio em 1929-30, 1930-31, 1933-34, e 1935-36. É um «palmarés».

EM vários desportos vão aparecendo clubes novos que se afirmam com galhardia, criando motivos de interesse e entusiasmo. No campeonato de Portugal de hockey em patins, venceu, este ano, o Paço de Arcos. Na lista dos vencedores, no Sport Lisboa e Benfica sucedera o Clube Futebol Benfica. E a este sucedeu, agora, o Paço de Arcos. O «hockey» patinado criou um novo núcleo de esperanças.

DISPUTARAM-SE, no penúltimo domínio, no Tejo, as primeiras provas oficiais de remo: os campeonatos regionais da «Sociedade Portuguesa». Tiveram brilhantismo — e serviram para animar o rio. É talvez um pouco tarde. Mas começou bem — pela gente moça. Ojalá que a animação da temporada corresponda a entusiasmo das primeiras provas.

VAL reconhecer o «box». A organização alternada de sessões de pugilismo, em dois locais diferentes, sucedera largo período de inação, não obstante haver aparentemente um bom núcleo de atletas. Folgamos, pois, com a notícia da nova sessão. E desejamos, sinceramente, que contribua para o entusiasmo do público — e movimentação e progresso dos pugilistas.

ANO XI — LISBOA, 21 DE ABRIL DE 1943 — II SÉRIE-N.º 20

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 5 1146 LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

As últimas provas contra-relógio e os próximos campeonatos nacionais de fundo

NAS últimas provas contra-relógio verificaram-se várias irregularidades de carácter técnico, por motivo de certas deficiências provocadas pela época anormal que atravessamos; mas também houve faltas da parte de alguns corredores porque encontraram, devido a descuidos da organização, campo para as cometer. Não é nosso intuito, ao produzir estas afirmações, censurar o trabalho dos dirigentes da U. V. P., que nós sabemos bastante ingrato e por vezes mal compreendido. O que pretendemos — e essa tem sido sempre a nossa intenção há já largos anos — é apontar os defeitos, para que se não repitam; porque muitos dos «casos» verificados nas provas contra-relógio ter-se-iam evitado se houvesse mais cuidado a resolver os problemas ligados à organização.

Por exemplo: no que diz respeito ao percurso — que em tais provas deve ser minuciosamente escolhido, sinalizado, segundo diz um relatório de 1932 da V. C. Internacional — só na manhã da prova foi concretizado o local de viragem dos corredores. Este descuido deu origem que fosse um próprio concorrente a informar o fiscal onde devia postar-se para assinalar a passagem dos restantes ciclistas. Verificou-se tal na corrida de independentes porque na de amadores — que viravam no Carregado — os primeiros concorrentes não encontraram lá ninguém a assinalar a sua chegada! E se houve um que fez mais umas centenas de metros — dois outros nem ao Carregado chegaram...

Sabemos que esses concorrentes têm tanto de «classe» como de escrúpulos! Foram dos últimos classificados. No entanto, à crítica compete assinalar as faltas.

No que se refere a «colagens», absolutamente interditas em tal género de provas — pois lá dizem as instruções para delegados, elaboradas para a mais importante corrida contra-relógio disputada em França (o Grande Prémio das Nações) que quando dois corredores se alcançarem, cada qual seguirá por seu lado, na estrada, nunca podendo ir um na «cola»

do outro — sobre isso até houve ajudas mútuas e estradistas de três categorias (independente, seniores e juniores) «colados» uns aos outros...

Talvez se pudesse evitar tudo com a distribuição de «instruções» aos corredores e delegados. Foi assim que a U. V. P. fez em 1935, quando se organizou a primeira prova individual contra-relógio — o campeonato de fundo, ganho, por sinal, merecidamente, por José Marqués.

Para verificar se tais instruções eram cumpridas haveria escalonados pela estrada, em locais secretos, alguns fiscais, que tinham a missão de assinalar as faltas dos corredores e esclarecer os delegados. Porque em boa verdade há ainda muita gente ligada à velocipedia, e a desempenhar funções de fiscais, que não sabe destrinçar, com exactidão, se os corredores estão ou não «colados»! E não sabem porque se lhes não disse...

Portanto, julgamos que não haverá necessidade de suprimir — como alvitrou o nosso presado colega Manuel Mota — as provas contra-relógio. O que se torna necessário é rodeá-las de cuidados de boa regularidade.

Um percurso em circuito — por exemplo: o adoptado no domingo para a prova de amadores — e uma fiscalização aturada e feita por pessoas competentes darão as corridas contra-relógio o prestígio que convém e evitarão que desapareçam do calendário nacional as mais belas e atléticas competições que a velocipedia possui.

Pretende-se, a dez dias da prova, adiar a data do Campeonato Nacional de Fundo, metendo de permo entre esta corrida e a última disputada — os 176 quilómetros — uma competição de rampa. Alega a U. V. P. — e nós acreditamos que seja esse o motivo! — que é para atender um pedido da delegação do Porto, que deseja evitar a vinda dos seus representantes à capital logo após a disputa da última corrida do campeonato distrital. Todavia, não podemos concordar com semelhante adiamento e muito menos com o motivo apresentado. E não concordamos porque para uma prova tão importante como o campeonato há um certo número de disposições e encargos que dificilmente se podem desprezar ou abandonar de animo leve. É a preparação técnica que visa a estar em plena forma em determinada data, são os treinos orientados em relação ao número e a distância das provas já disputadas, é, enfim, tudo quanto diz respeito à «mecânica e à arte de treinar», coisas de capital importância para o bom rendimento de um estradista.

E, como no caso actual, tal adiamento vem obrigar — pelo menos moralmente — os corredores, treinados para uma longa prova de estrada, a disputar uma corrida de rampa — tão diferente em tudo das competições vulga-

Beni Levi e Xangai reaparecem hoje no Coliseu

FOI «Stadium» quem primeiramente se fez eco, através de uma gazetilha do nosso habitual colaborador Zecas Tlão, da saída da «écurie» Canelas das organizações «Tobox». E que estávamos bem informados, confirma-se agora, pela notícia do



Beni Levi

reaparecimento de Levi e de Xangai com outra empresa: a Sala Central de Desportos. E por isso, antes de tudo, de aqui saíram Domingos Pinto, bom amigo e bom desportista — que soube aproveitar a grande oportunidade...

E hoje, à noite, que o Coliseu dos Recreios festeja o regresso de Beni Levi e de Luiz Eugénio ao «ring». Naquela mesmo recinto onde passaram pugilistas de nomeada, como Andrés Smith e Lucien Vivez, Eugénio Criqui e Mário Gall, Garcia Alvarez e Tino Clavari, Marius e outros, vão agora trabalhar Levi e Xangai, o primeiro defrontando o italiano Toni Cesari e o último o ex-campeão espanhol Soria. Mas a reunião desta noite tem ainda mais atractivos: os «matches» de Sousa, ex-campeão nacional, com o fogaoso Meseguer, — Manuel Matos, contando como apuramento para o campeonato de Portugal dos «leves», e Larzem — Isasti.

E, realmente, uma boa sessão de «boxings» em perspectiva, que pode resultar como a melhor propaganda para a organização e para a modalidade. Assim os pugilistas cumpram, no «ring», em especial aqueles em quem se depositam todas as esperanças! E a circunstância de Levi ir

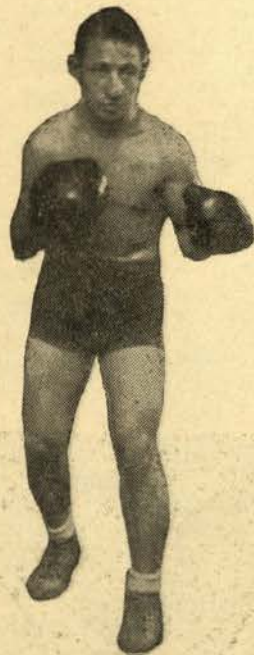
res — essa transferência de data não pode nem deve fazer-se.

Porque, a admitir-se tal, ficaríamos de ora à frente sujeitos a que as provas de responsabilidade só fôssem disputadas quando esta ou aquela delegação quizesse, ou quando a este ou àquele clube viessem! Ora a União, que se tem mostrado a altura do lugar que desempenha, não deve consentir em tal.

GIL MOREIRA

defrontar Cesari, um homem que é tido como dos melhores de Itália e já «mediu luvas» com Alvarez e Ferrer — dois vencidos do nosso campeão — aliada ao facto de estarem presentes outros campeões e antigos campeões de Portugal e de Espanha, é motivo suficiente para crê-se num espectáculo de agrado. Beni, que não perdeu ainda no continente, tendo derrotado Garcia Alvarez, Ferrer, Pedro Rós, Clavari, Gáscón e outros «nomes grandes» do pugilismo internacional — que irá fazer agora, diante de Toni, dos melhores italianos na categoria? É isso que vamos ver...

A propósito ocorre-nos perguntar, aqui porque «Stadium» já levantou a lebre nas suas colunas... por que não é aproveitado Mário Pereira, um rapaz que quer defrontar Xangai? Soubemos que a «Tobox» o chamou, propondo-lhe o «match» para o campeonato; mas desligou-se depois do assunto e talvez nunca lhe tivesse interessado (a não ser para brincar às organizações...) em face — alegou então — do quantitativo da bolsa pedida. Ora como Mário Pereira não desiste da ideia de lutar, deem-lhe a oportunidade.



Mário Pereira

Não custa nada fazer-lhe a vontade! E o «match» — acreditem — interessaria, quanto mais não fosse pelo que já tem de publicidade... ou então, se preferem — e assim é que estava certo — integrem o rapaz num programa, como preliminar, para que ele possa confirmar as suas possibilidades ou desiludir-se!

C A F É

|||

Chave d'Ouro

DE

Angelo Marques da Silva

O Café dos

desportistas

Rua Conde da Boa Vista

|||

B E J A

Com vista às letras...

MARIA ESTER de MOURA CABRAL

NAO-PENSA-EM-ABANDONAR-O-DESPORTO



O desporto feminino atravessa grave crise. As nossas desportistas têm ido, a pouco e pouco, dizendo o adeus definitivo ao desporto de competição. A discussão do problema, porém, não tem lugar neste momento...

Entre as raparigas que, a-pesar-de tudo, se mantêm ainda fiéis, figura o nome de Maria Ester de Moura Cabral, cuja actividade se tem estendido a quasi todas as modalidades desportivas ao alcance da mulher, possuindo hoje, ao cabo de seis anos de competições, o interessante «palmarés» que a seguir transcrevemos.

Em natação, representando o Sport Algés e Dafundo, foi campeã de 66 metros-costas, principiantes; 100 metros-costas, juniores; 100 metros-costas e 4 x 100 metros-livres, seniores. Campeã nacional de 100 metros-costas, em 1939.

Em atletismo, representando o Sporting, campeã de Portugal do salto em altura em 1941 e do salto em comprimento em 1941 e 1942; campeã de Lisboa do lançamento do dardo; campeã de Lisboa da estafeta 3 x 60 metros em 1940, 1941 e 1942; campeã de Lisboa da estafeta 4 x 75, em 1940, e antiga recordista do lançamento do peso.

Em «basket-ball», representando o Ateneu Ferroviário, campeã de Lisboa nas três últimas épocas.

Em ténis de mesa fez parte da equipa do Sporting que obteve o segundo lugar no campeonato de Lisboa.

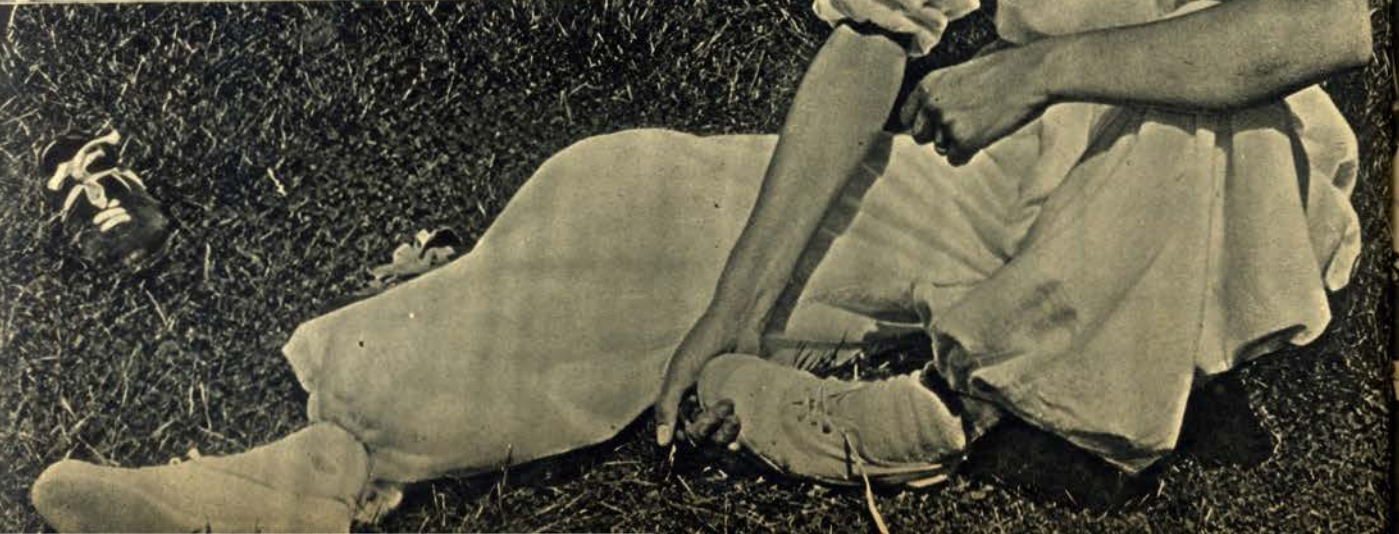
Não se pode exigir mais. Além disso, Maria Ester — a «Têta» que deixou de ser loura... — anda de bicicletas, patins, faz ginástica no Gimnásio Clube Português, joga ténis e «volley-ball».

Em amena conversa

Ouvir Maria Ester é sempre oportuno. Por isso quisemos conversar com ela uma destas tardes.

Entrevista? Não! Simples palestra, em amena co-

(Continua na página 14)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



CLUBES EM FESTA: 1—A mesa da presidência no almoço comemorativo do 87.º aniversário da Associação Naval de Lisboa. 2—Na sessão que precedeu o acto inaugural do rink de patinagem do F. C. Barreirense; 3—As festas do aniversário do popular Sport Lisboa e Benfica. Na sessão solene a que presidiu o sr. director geral de Educação Física e Desportos, o presidente da Federação de Futebol pronuncia o seu discurso. 4—Carlos Feio e Oliveira Ramos, os finalistas do campeonato de Lisboa de ténis de mesa, que o segundo ganhou de novo

14 horas — A multidão, à entrada do campo, constitui uma avalanche. O trânsito na Rua da Constituição é difícil. O mar humano aumenta, cresce, poderoso e confiante...

15 horas — Faltam 60 minutos para o início da luta. O campo é um «mar» de cabeças. E ainda entra gente, mais gente, muita gente... tudo para caber, arrumar dentro da «caixinha». Não há um lugar — mas há uma forte dose de esperança...

15,30 horas — O campo assemelha-se aos nossos «severinos»: por muito cheios que se encontrem, ainda cabe mais um! Mas a corrente continua. Tudo se arruma, tudo se ageita, todos querem ver... e não-de-ve!

16 horas — A banda do Asilo do Terço toca um «ordinário». Não pode caber mais ninguém. Lá fora há ainda outra tanta gente para entrar, Borborinho no pé. Ah! É o Benfica que entra ao som... da marcha do seu nome, cantada pela «saúlosa» Beatriz. Ah! Rapazes que saudades!

Agora é o Pôrto — e o Terço rompe com o hino «Pelo Pôrto», do Clube Fenianos Portuenses, para ali transferido — o hino, claro! sem sabermos porque.

Começam as piadas, as anedotas. Há quem compare «isto» com uma tourada — mau agouro — só porque há uma banda a tocar à entrada das «quadrilhas».

Pergunta-se: quando se meter o primeiro «ferro», queremos dizer, o primeiro «goals», também toca a música? Se a «coisa» pega... voltamos ao tempo antigo, quando para o futebol se ia ao som de uma marcha...

16,10 horas — Começa a «função» e acabaram os acordes musicais. O jogo desenvolve-se pobre, muito pobremente, coitado. A bola inicia o seu fadário. Pobre «coiro» sacrificado!...

16,55 horas — Acabou o 1.º tempo. Os grupos estão empatados — e a confiança, embora um pouco abalada (o Benfica marcou primeiro!), ainda existe.

2.ª parte: Al! Pôrto! Pôrto!! Ah!!!!!! (O Guilhar meteu as mãos pelos pés e deu o primeiro «penalty» ao adversário).

Eh!!!!!! (Novo «goals» do Benfica).

Ih!!!!!! (Gomes da Costa marca a segunda bola portuense).

Oh!!!!!! (Outra mudança de pés e mãos de Guilhar).

Uff!!!! (Sensação de alívio da assistência portuense no final).

48 Horas depois...

Verdades e Mentiras

HAVIAM decorrido, precisamente, 48 horas sobre o jogo F. C. Porto-Benfica, nesta cidade, quando adregámos encontrar o sr. Y., conhecido comerciante portuense, ex-dirigente do clube da Constituição, dedicado amigo dos jornalistas e alma aberta, franca e leal, ciosa de verdade, por mais velada que ela ande.

Entrevista? Não!
Uma simples conversa entre dois amigos, colóquio sem pretensões. Daí o motivo pelo que não estampamos em letra de fôrma o seu nome — a cavaqueira foi entre dois homens que se estimam e lamentam a sorte do nosso melhor representante no futebol nacional.

O primeiro assunto — é o assunto da semana! — foi a desdita, a infelicidade de Vitor Guilhar, o conhecido defensor portuense, causador involuntário da derrota do seu clube.

Pensamento uno, afirmação mútua, própria de cérebros desempoceirados, para quem as «coisas» do desporto não sofrem tratos de polé, nem se acorrentam a interesses...

Vitor Gilhar não perdeu a sua qualidade de desportista são. A ninguém surgiu a ideia de uma deslealdade e certos gestos são só o fruto da depressão moral. Guilhar, longe de tudo o que se disse após o desafio, continua a merecer a estima de todos os que, sem «parti-pris», vêm os acidentes do desporto através daquilo que são — sem o vidro de aumento da imaginação doentia de tantos a quem a consciência pode pesar...

E a conversa derivou. Veio a talhe de foice a má sorte que tem acompanhado o F. C. Porto na questão de jogadores. Então, o nosso interlocutor foi positivo:

— O F. C. Pôrto não tem jogadores. Agora é que se está vendo a falta que fazemos Carlos Pereira, Costuras, Chico Ferreira, Percirita, Petrak, Kodrnya, etc. E Bela, sim, e Bela!... Fosse o que fosse, era um homem a quem se podiam confiar as rédes...

— Mas a ocasião é magnífica, dissémos. Fala-se na possível transferência de elementos de um conhecido clube.

— Sim, sei disso. Um ou dois seriam esplendidos no clube. Que, valha a verdade, ainda gosa de prestígio no nosso meio...

— Domingo passado... Uma enchente...

— ...reflexo do Pôrto-Bele-

— Mas em Lisboa...

— Lisboa? Estamos perdendo o interesse do público desportivo da capital. Daqui a pouco ver-se-á o resultado disso...

A cavaqueira continuou.

Um único fim: o prestígio do F. C. Pôrto. Uma única vontade: a de ver o clube «azul-branco» elevado ao seu nível, àquela grau a que tem jts.

O sr. Y. — notámo-lo — é e será cem por cento F. C. Pôrto. Sente as infelicidades do grupo como se fossem assuntos da sua vida comercial. É um sacrificado, como tantos outros. Talvez mais, muito mais: porque é um sacrificado moral e... mais alguma coisa.

Não atacou ninguém, não acusou qualquer. Fez, com o jornalista, política sã, a política do seu clube.

Mas a verdade é que de todos os males e erros cometidos só só sofre o clube... e a cidade do Pôrto.

R. A.

resto... deu outra feição ao Boavista — vai haver uma assembleia geral extraordinária, para «tapar» as falhas.

— Possivelmente, na próxima época, novo critério directivo na secção de «basket-ball» do F. C. do Pôrto. O «regime» desta época não tem bom ambiente — um sector pretende uma «formação com gente da casa... O exemplo do Académico, bem notório, tem bastantes adeptos na «dalança» do F. C. do Pôrto.

— Outro «acontecimento» desportivo, no «ping-pong» — o castigo de Portugal da Mata, pela Direcção da Associação do Pôrto. O ex-presidente foi além da sua missão — tornou-se, portanto, «inconveniente»... numa reunião de delegados dos clubes.

— Pouco interesse no atletismo nortenho, por parte dos clubes da Associação Portuense — excepto o baluarte da modalidade. Na indicação de «nomes» para o novo elenco directivo — em obediência ao regulamento — apenas um clube cumpriu o seu dever.

— Os «sete» mosqueteiros da bola andam seriamente preocupados com a «nova» época futebolística! Os contractos acabam... Fala-se abertamente numa possível transferência — para um clube da Associação de Braga.

DR. ALVARENGA

O tempo vai aquecendo, embora venhamos a ter ainda grande temporada de frio, se os adágios e rifeões baterem certos...

Entretanto, a aproveitar a melhoria, já pelas águas do nosso Douro deslisam as mais variadas embarcações dos clubes ribeirinhos, no início da aprendizagem prática do remo, depois das teorias recebidas intra-muros, das respectivas sedes, durante o inverno.

Barcos tripulados por 8, 4 e 2 remadores lá seguem rio acima, lutando numa primeira experiência de forças.

Gostamos de nos entreter a vêlos, tanto mais que de remo só entendemos aquilo que, aos domingos, e nem todos, fazemos, quando vamos de longada até ao Areinho, ou mais acima, para saborear uma deliciosa merenda: remarem razoavelmente, mas sem teoria. Remadores «amadores»...

Mas, nem por isso, ao vêlos passar nos seus barquitos leves, preparando a remada ou desfazendo-a, ao comando do treinador, deixamos de notar aqui e ali um defeito pequeno, inicial, mas que exige correção imediata, antes que se torne em vício.

Há dias passou um barco tripulado por 8 homens, envengando uma camisola... de um clube de nome. Um dos remadores, segundo verificámos quando desciam o rio, estava produzindo uma remada deficiente.

Tal facto chamou-nos a atenção. Seguimo-lo com o olhar, pois nada mais natural do que ser um acidente momentâneo. Mas não. Durante o caminho em que o podemos observar, a remada foi a mesma: remo a cortar mal, apanhando pouca água e saindo do elemento líquido a destempe do resto da equipa. Não se tratava de uma turma de principiantes, como vemos às vezes, espandando a água com a projecção do remo.

Não! A remada era má, porque o remador não tinha o cuidado de mergulhar o remo tanto quanto era indispensável para não destoar do conjunto e diminuir o andamento.

Éstes pequenos nadas, que

(Conclue na pág 11)

Em Gaia

Está em organização entre as reservas do F. C. Pôrto, Boavista, Salvagheiros, Coimbraes, Candal e F. C. Gaia, um torneio da Páscoa, a iniciar no próximo dia 25. Boa iniciativa, que, esperamos, terá o melhor sucesso.

— Dá-se como certa a inclusão de Angelo, do Avintes, no Académico do Pôrto.

— Aponta-se a possibilidade de Juca, do Leça, regressar ao seu club de origem — o Candal.

— O Vilanovense terá como reforço, entre outros, para a próxima época, Almeida, do Gaia. Consta que este clube facilitará a cedência da respectiva carta. — Garante-se a presença no Coimbraes de três elementos ex-academistas, entre os quais um excelente guarda-rédes...

— Parece que a direcção do F. C. Gaia vai homenagear o seu grupo de honra de futebol.

Notas sem valor...

É impossível jogar «hand-ball» afirma-se, de jornada a jornada, nos mentideros do desporto! De facto, os jogos do Campeonato Regional — das primeiras categorias — têm sido «indecisíveis». Culpados? Muita gente — árbitros, em especial dirigentes dos clubes e, finalmente, os praticantes.

— O «gesto» de José Burnay, do Académico, um pouco precipitado, tem de ser punido — para

honra do «hand-ball» portuense. O seu clube, já «apertado» com falta de elementos, foi, sem dúvida alguma, o mais prejudicado. Não houve, evidentemente ponderação e cuidado necessário para suportar o ambiente.

— Crise directiva no Boavista! Da gerência, apenas Desolinda Amaral a «governar» a colectividade tripeira — um clube de gloriosas tradições, com bons valores futebolísticos. A «saída» do

NO domingo, a Primavera retomou os seus direitos: sol acariciador, brisa ligeira, céu anilado, sem nuvens... E o público lisboeta sentiu-se bem disposto; foi até às Salésias...

Como é da tradição, a assistência tomou deliberadamente o partido da selecção dos «novos». E estes, ou para merecerem o apoio do público, ou por inércia dele, actuaram mais acertada e entusiasticamente que os seus opositores.

— Tavares da Silva, o jornalista que, além de outras virtudes, possui as de «falar alto» e a de ser simpaticamente audacioso, escolheu o «seu» grupo, com o que «sobejava», soube insuflar-lhe vibração e confiou. Não confiou mal, viu-se...

— Além de tudo, o seleccionador do grupo B tomou o seu papel a sério, como lhe competia. Sem casaco, sem a sua característica badine, sem chapéu — e quasi sem cabelo... — andou toda a tarde na linha de «touch», seguindo o jogo, tomando parte nele, exposto às consequências das responsabilidades que tomou ao agrupar um certo número de jovens não consagrados para enfrentar o dos considerados valores máximos do futebol português.

— Esta consideração, porém, parece-nos muito contestável... — Por isso alguém dizia, perto de nós: «ainda bem que não houve jogo internacional...».

— A selecção A — «o onze de Portugal» ou «o grupo dos prováveis», como queiram — esteve, de resto, desamparadinho de todo. Nem público, nem seleccionador responsável (que vissemos...), nem nada...

— Para «acompanhar» a equipa chegar, na sexta-feira à noite, à capital, o treinador húngaro Lipo Herzka, que vivia há dois anos em Vila Real de Traz-os-Montes e há dez dias se mudou para o Pôrto. Sem pôrmos em dúvida a sua competência técnica (que reconhecemos) não percebemos bem qual era a sua posição junto da «engeitada» selecção.

— Este «grupo nacional», por muitos considerado de geração espontânea, visto que nunca chegou a ser designado, por quem de direito, em definitivo, teve, pelo menos, um nascimento póstumo, visto que surgiu quando o seleccionador que podia dá-lo à luz (permita-se o termo) já deixara de o ser...

— Para dirigir o encontro entre os «internacionais» e os «novos» foi escolhido e muito bem — o nosso amigo Carlos Canuto, ou seja o nosso árbitro mais «internacional» e o mais jovem, pelo espirito... Soube conduzir a luta como se impunha, até com certa benevolência para o grupo dos «desamparados», a quem perdou duas grandes penalidades...

— Também, com uma tarde de primavera como aquela de do-

FUTEBOL

O "ONZE" DE PORTUGAL

apresentou-se contra uma selecção de "Novos" — com a qual empatou por 3-3

mingo, não havia disposição — nem razões, acrescente-se — para rages...

— Um dos auxiliares de Carlos Canuto é que, no segundo tempo, se distraiu demais com o espectáculo, e assinalou dois ou três «off-sides» que não existiram. Mas depois compensou...

— Por acidentes naturais da luta, alguns jogadores foram atingidos e necessitaram tratamento. Se algum deles ficasse impedido de alinhar nos próximos encontros do «nacional», a direcção e os sócios do seu clube (princi-

palmente se se tratasse do Benfica, do Sporting ou do Belenenses) e ele próprio, a vítima, haviam de perguntar: «Para quê?...» — Ninguém lhes responderia...

— De resto, para que profundar, se a tarde de domingo foi de autentica primavera, com um sol acariciador, uma brisa ligeira, um céu anilado, sem nuvens, e o público, este bom público lisboeta, se sentia bem disposto e foi até às Salésias?...

CARLOS CORREIA.

A O «match» das Salésias, caracterizado pela lealdade e correcção dos jogadores, assistiram os srs. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, e tenente-coronel Salvvação Barreto, director geral da Educação Física e Desportos, acompanhados dos seus respectivos secretários, dr. Mendonça Soares e capitão António Cardoso, e dr. João de Almeida, director geral do Ensino Superior.

Alinharam:

Selecção nacional — Azevedo; Simões e Gaspar; Amaro, Carlos Pereira e F. Ferreira (depois Felix); Mourão, Julinho, Peyroteo, Gomes da Costa e Cruz.

Grupo de novos — Eduardo Santos; Barrosa e Marques; Baptista, Nunes e Eliseu; Franklin, Eloi, Cabrita, João da Palma e Lemos (depois Manuel da Costa). Arbitro: Carlos Canuto.

Na primeira parte jogou-se futebol do melhor, distinguindo-se o «team» treinador. A selecção começou confiante, para se mostrar surpreendida, depois, com a vivacidade e o dinamismo dos «novos». E se José Pedro — utilizado tarde, apenas nos ultimos dez minutos... — tivesse sido preferido a Palma (o único elemento que não correspondeu!) não sabemos o que seria! Mesmo assim, os «novos» chegaram ao

Campeonato Nacional

A interrupção verificada no Campeonato Nacional da I Divisão, por motivo da efectivação do encontro entre o «onze» nacional e a selecção dos novos, foi aproveitada pela F.P.F. para «por em ordem» o seu torneio principal.

O Vitoria de Guimarães e o Leixões, que, por causa do mau tempo, não tinham podido disputar o seu «match» da primeira volta, «acertaram o passo» com os restantes concorrentes.

Agora, todos levam disputados 14 jogos, com a classificação assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica...	14	12	—	2	60-27	24
Sporting...	14	11	1	2	53-39	23
Belenenses...	14	11	—	3	66-14	22
Olhanense...	14	6	2	6	33-38	14
Vitoria...	14	6	2	6	42-50	14
Unidos...	14	6	1	7	53-46	13
Académica...	14	4	2	8	42-47	10
Pôrto...	14	4	2	8	31-48	10
Unidos (Bar.)...	14	4	—	10	34-63	8
Leixões...	14	—	2	12	16-65	2

Os vimaranenses asseguraram a posse do quinto lugar. Depois da boa carreira feita na prova pelos pupilos de Alberto Augusto, o contrário é que seria de esperar.

A sua vitória de domingo era

esperada e a dívida estava, apenas, em conhecer até que ponto iria o poder de realiação dos avançados de Guimarães. Estes não se comportaram mal. Sete «goals» contra um ficaram a atestar a superioridade da equipa que, no seu campo, se pôde orgulhar de bater o Pôrto, o Belenenses e o Benfica.

Ao intervalo, os donos da casa ganhavam já por 3-0; os visitantes reduziram a diferença para 3-1, mas não puderam evitar a marcação de mais quatro «goals» na sua baliza.

Indivualmente há que salientar o facto de Ferraz ter marcado quatro dos sete tentos da equipa, ainda que um tenha resultado de grande penalidade.

A II Divisão teve uma jornada de escasso interesse. Para a segunda fase da competição nada adiantou. Disputaram-se três encontros para conclusão de «poules», cujos vencedores já estavam designados.

Resultados: Sporting Covilhã-S. L. Covilhã, 3-1; Sp. C. Branco-Covilhenses, 2-1; Vianense-Vizela, 3-0.

ZÉ DO PEÃO

intervalo com 3-1, tendo desenvolvido jogo suficiente para maior número de «goals».

O primeiro tento pertenceu, todavia, aos «nacionais», obtido com um excelente e oportunissimo pontapé de recarga de CRUZ. Havia 5 minutos. Julinho «shoot» forte e Eduardo não pôde «parar», limitando-se a «empurrar» a bola; apareceu nessa altura o extremo esquerdo do Sporting que resolveu a situação...

Aos 25 minutos operou-se o empate: fuga rápida e centro de Franklin, que CABRITA rematou da melhor forma. E dois minutos decorridos os «novos» ganhavam! Um belo «goal» de LEMOS, em conclusão de bem delineado ataque, com toques sucessivos que desnoartaram a defesa nacional. Azevedo reclamou «off-side», mas o árbitro não se moveu...

Logo a seguir saíram Lemos e Francisco Ferreira, magoados. E então os «nacionais» passaram um mau bocado, porque Felix não conseguia «acertar o passo!» Até que, a minutos do intervalo, um «penalty» clarissimo de Simões foi transformado em «corner!» Na sequência do castigo, BAPTISTA mudou para 3-1 com um bom golpe de cabeça.

Até final do primeiro tempo registou-se ainda um forte «shot» de Eloi — que encontrou pela frente um «keeper» da classe de Azevedo! — e um livre de Mourão, à trave...

Feliciano jogou os primeiros minutos da segunda parte, no lugar de Simões. Mas a sua presença no terreno quasi não foi notada...

Aos 6 minutos, uma «fugida» de Peyroteo deu o segundo «goal» da selecção. Mas o ponto foi marcado na sua própria baliza por BARROSA, que correu de trás e deu um «shot» de «forwards»...

Antes disso já Azevedo tivera duas intervenções de apuro, a última a «shots» de Eloi defendido na ponta dos dedos! E a seguir ao 3-2, Peyroteo fez um «goal», invalidado por «offsides».

Só aos 25 minutos é que a selecção pôde, enfim, empatar! Mas quanto isso lhe custou... Registou-se um «corner» cedido por Marques, que PEYROTEO rematou vitoriosamente. Estava feito o resultado. E até final mais nada houve de extraordinário; falta de interesse dos jogadores — com uns últimos dez minutos inspidos e a «encher tempo»... — e aborrecimento total do público. José Pedro substituiu Palma aos 35 minutos — sem «tempo» para evidências... — e Loulé entrou para o lugar de Barrosa, magado, durante alguns momentos.

A equipa dos «novos» jogou com entusiasmo e imensa vontade de agradar — o que conseguiu plenamente. À parte o barreirense Palma, todos cumpriram; em especial Barrosa e Marques — dois «backs» admiráveis — Eliseu e Cabrita e a «asa» direita do «team».

Na selecção nacional somente Carlos Pereira e Peyroteo estiveram à altura das circunstâncias. Os outros (mesmo Azevedo, com boa dose de defesas) mostraram desinteresse; e nesse capitulo Francisco Ferreira e Cruz, este na segunda parte, levaram a palma aos companheiros...

JORGE MONTEIRO

BICICLETA FLECHA



a que todos preferem «A ILUMINANTE»

Avenida Almirante Reis, 6 LISBOA



JÁ não há dúvida. O grande internacional português em futebol Adolfo Mourão abandona o desporto. Em 27 de Junho, em desafio entre o seu clube de sempre — uma virtude! — e um onze cuja constituição ainda está em segredo, o extraordinário «leão» faz a sua despedida. Dois meses mais e deixa de deliciar os adeptos do «association» um dos mais curiosos tipos de jogador do futebol nacional.

Mas Mourão está em plena forma, é frequentemente artífice de vitórias do seu clube, não está tocado, segue a vida do desportista, joga como ninguém no seu posto de extremo-direito — pederia muito bem continuar na lida! É verdade evidente. Mas quer terminar com beleza uma vida bellissima de praticante — e así. Faz bem, faz mal, não vem ao caso; só há que anotar a sua decisão. O mais que se pode acrescentar é que é pena. Tanta pena que será pena se ele não vier a sentir a nostalgia dos campos...

Este Adolfo Mourão, realmente, deixa saudades.

Desde logo porque é dos melhores executantes portugueses de todos os tempos.

A «STADIUM» publica hoje algumas «poses» em que se revela o primor da sua execução, do seu excepcional domínio da bola. Dizer, porém, que essas «poses», captadas pela objectiva apurada de Nunes de Almeida, correspondem ao que o jogador é capaz de fazer em plena correria, na máxima velocidade, e — quantas vezes! — com a oposição forte de adversários nem sempre a entrar lisamente, basta para provar que não é exagero falar em primores e em excepções a respeito do que Mourão sabe fazer com a bola à sua guarda.

Vê-se (foto 1) o pontapé normal em corrida, um «centro»: corpo absolutamente «enquadrado» em relação à direcção que quer dar à bola, esta bem dominada, braços em posição de compensação para o equilíbrio devido, olhos na bola e o pé que não «shoota» à devida distância da bola, a suportar momentaneamente o peso do corpo.

Passemos (foto 2) à marcação do «centro»: uma fracção do segundo mais e a bola será expedida com a força precisa; o tronco está prestes a terminar a torção necessária e não há perigo de a bola... ir para fóra, tão exacta é a distância do tronco e pés em relação à linha da cabeceira; e os braços lá estão sempre a assegurar o equilíbrio.

Observemos o «amortecer» da bola (foto 5) com a parte externa do pé direito: o ângulo do corpo em relação ao terreno, a diferença entre a tensão da perna que sustenta o corpo, a queda do tronco para o lado para onde a bola vai e o braço esquerdo a compensar; assim jogada, a bola oferece-se acto contínuo à corrida franca com a dominada.

Examinemos a posição do corpo num lance em que tanto pode vir a ser de domínio de bola no ar, a fazê-la cair «morta», como para passar por alto a companheiro ou por cima da cabeça de adversário: a «pose» (foto 9) aqui resultou um pouco forçada, mas o conjunto está harmónico e certo, incluindo os braços; segundo fôr o lance a resolver, um momento mais e o calcanhar do pé que não «shoota» levantar-se-á ligeiramente; de qualquer maneira, equilíbrio assegurado, certeza de execução indubitável e toda a atenção à



Excepcional como jogador, exemplar como desportista e como clubista, Mourão vai deixar, além da saudade da sua passagem pelo futebol nacional, a admiração pela atitude que sabe tomar de se despedir em plena pujança de qualidades e de atributos de «player» e de «sportsman», duas situações que se completam mas que muitas vezes não aparecem reunidas no mesmo indivíduo.

SÓ MAIS DOIS MESES PARA APLAUDIRMOS

ADOLFO MOURÃO

EXEMPLO DE EXECUTANTE DE DESPORTISTA E DE CLUBISTA.

TRATA A BOLA PORTU * DISFRUTA O PRAZER DO JOGO E SÓ CONHECEU UMA CAMISOLA DE CLUBE *

UM INTERNACIONAL DE FOOTBALL QUE SE RETIRA EM PLENA FORMA *

Admitamos, agora, (foto 6) o «bordado», que ele tantas vezes faz em volta do antagonista, sustentando-se no ombro do adversário, que quanto mais pretende alcançar a bola menos lhe chega: à falta de adversário, traçou um círculo no rectângulo; Mourão obedeceu perfeitamente a esse círculo; concebámos que o atacante que vem abaixo dar a volta à bola está a «meia-nau»; todo o trabalho é feito entre essa «meia-nau» e a «pôpa»; e findo o «bordado» a carreira é normalissimamente possível; e o adversário, um momento colocado fora da bola e d'ele, está galgado e já não tem tempo para o afrontar.

Atentemos agora (foto 4) no «golpe de cabeça»: a «pose» também está forçada, mas ainda as várias posturas de pernas, tronco, braços e cabeça, com os músculos do pescoço a accionar, correspondem à verdade da execução; subido o lance para execução com os pés no ar, reconhece-se o primeiro movimento do contacto com a bola.

Concentremo-nos (foto 7) no movimento preparatório dum golpe de cabeça para baixar a bola de forma que esta caia em sítio em que possa ser imediatamente dominada com os pés para seguir na corrida: a aparente queda para trás, belamente sustentada numa perna flectida sobre um pé em ponta, está bem demonstrada; o jogador mede com a vista a vinda da bola, vai-lhe dar com a testa quando o corpo entrar em verticalidade e já sabe que no momento em que a amortecer e a mandar a cair a uma pequena distância, à sua frente, o tronco flectirá para diante e a perna que se vê na fotografia à frente terá chegado ao chão e dará o arranco da corrida a fazer.

Estudemos, por fim, (fotos 3 e 9) duas notas interessantes: parar a bola com o pé no ar, ficando ela imóvel, e o remate de cabeça já em queda: na paragem da bola repare-se que o «a vontade» é demasiado e no golpe de cabeça vê-se que falta a oposição do adversário, se quisermos transpôr o momento de jogo que o jogador apresenta; mas como «demonstração» para jogadores estudarem as fotografias são valiosas porque não há numa como noutra posição demasiado forçada; as jogadas em demonstração demandam que o corpo, de facto, esteja como Mourão apresenta, para surtirem efeito.

Estas atitudes de Mourão e outras tantas já ele teve ocasião de apresentar, em pleno movimento, quando do Curso de Treinadores promovido pelo jornal «O Século» há dois anos, de iniciativa e direcção de Cândido de Oliveira. Merece atenção de principiantes e reflexão de jogadores já experimentados.

Mas não é só como executante que Mourão deixa rasto no futebol português. Também como desportista — e como clubista. Correcto, apurado, entregue ao jogo, sensível por uma questão de reacção do seu temperamento contra temperamentos de adversários mais vigorosos e exactamente porque a sua compostura não merece tratamento desigual, Mourão, delicado e afectuoso, sabendo escutar e sabendo estar ou não estar de acôrdo, deixará um exemplo como «sportsman».

Tendo ingressado no Sporting Clube de Portugal, ido de um vago clube de Alentejo onde o futebol era mais de rapaziada que de representação, o grande internacional de agora nunca mais deixou o solar dos «leões» e disfrutou no seu único clube, praticamente, a mais completa estima, inúmeras amizades, animadores incondicionais e um sentimento de saúde que começa a formar-se com antecedência em relação ao dia que Mourão escolheu para se despedir.

O Sporting Clube de Portugal, que possui bem a noção dos serviços prestados pelo Adolfo Mourão durante quinze anos, a Federação Portuguesa de Futebol, que teve em Mourão um dos seus mais categorizados internacionais, a Associação de Futebol de Lisboa, que o escolheu bastas vezes para o seu «team» representativo, todos os clubes e todos os jogadores que tiveram em Mourão um adversário leal e, ainda, o público desportivo, tantas vezes deliziado com as exhibições do famoso jogador, vão por certo aproveitar o ensejo de 27 de Junho para assegurarem a Mourão a «jornada de consagração» que ele indiscutivelmente merece.



O II PORTUGAL-FRANÇA de Espada

A Federação Portuguesa de Esgri-ma pede-nos a publicação do seguinte:

«Estando a Federação Portuguesa de Esgri-ma em negociações com a Federação Francesa de Esgri-ma para a disputa, em Portugal, e nos princípios de Junho, de um encontro à espada entre as equipas representativas dos dois países, e havendo já o acordo das duas Federações, deseja a F. P. E. realizar brevemente provas de apreciação e treino para seleccionar a equipa portuguesa.

Estas provas terão lugar em 1, 15 e 23 de Maio e fecham com o Campeonato Nacional de Espada, em 29 do mesmo mês.

A Federação espera que as Salas de Armas se façam representar pelos seus melhores atiradores e escusado será dizer que todos os concorrentes devem apresentar-se rigorosamente equipados, de modo a garantirem a máxima segurança no decorrer dos assaltos, que serão feitos com o aparelho eléctrico e em local a indicar.»

Como se vê pelo comunicado da F. P. E., o encontro Portugal-França, que se anunciou para a última semana do corrente mês de Abril, já foi transferido para princípios de Junho. No entanto, as informações que possuímos levam-nos a esperar que a data prevista neste momento não seja ainda definitiva.

Tudo isto prova quanta razão nos assistia no que escrevemos, em um dos nossos últimos números, acerca de tão importante assunto.

D. Pedro de Alarcão

Com os tripulantes do vapor português «Santa Irene», desapareceu um bom desportista: D. Pedro de Menezes de Alarcão, oficial do referido barco.

Era um esgrimista de merecimento e dedicou-se em especial ao florête. Ganhou vários prémios e fez parte, com Reinaldo Monteiro e Avelar Machado, da equipa que conquistou, em 1928, a disputadíssima «Taça Mestre António Martins», instituída pela sala de armas do Casa Pia Atlético Clube.



A despedida de Adolfo Mourão e a falta de datas

Depois de, por deveres profissionais, ter passado uma temporada ausente da capital, regresssei à base e a este modesto recanto onde, sem regatear louvores nem disfarçar censuras, vou bordando os meus comentários com aquela despreensão que o próprio título da secção me impõe.

E, logo ao «assinar o ponto», no meu regresso, encontrei matéria e ensejo para apresentar as minhas saudações ao leitor.

Como se sabe, há um jogador de futebol chamado Adolfo Albino Mourão. Apareceu há quinze anos, no primeiro «team do Sporting». Durante a sua carreira desportiva nunca conheceu outra categoria nem outro clube. Firmou-se no lugar, ainda que, por necessidades da colectividade que tem servido, outros tenha preenchido, e foi a extremo direito que se «nabilizou», tendo conquistado, nesse posto, os galões de «internacional». Foi campeão regional e nacional várias vezes. Representou a região e o país sempre sem discussão e com agrado. Capitaneou o «onze» do seu clube e o de Portugal. Além de valor técnico incontestado e da sua fidelidade clubista exemplar, uma virtude demonstrou sempre: inextinguível correcção, que muito contribuiu, também, para o apreço e a estima de todo o meio desportivo lusitano.

Pois Adolfo Mourão—ainda hoje o melhor extremo direito português de todos os tempos (e eu não esqueço esse outro grande «leão», também correcto, também dedicado, também valoroso, que eu muito admirei e que se chamou António Stropm)—pois, como ia dizendo, o Mourão considerou que era a altura de dar por terminada a sua carreira, decisão que, por sinal, o grande público conheceu por intermédio da nossa revista.

A direcção do seu clube pensou, e muito bem, que não podia deixar afastar-se tão valioso elemento sem lhe testemunhar publicamente o apreço e a admiração a que tem direito. Surgiu a primeira ideia de um festival de homenagem. Mas, como era da mais elementar justiça, logo se esboçou um movimento apadrinhado por elementos em destaque no meio desportivo, entre os quais figuram pessoas de outras tendências—para que essa homenagem não tivesse apenas o cunho clubista, mas sim o de consagração nacional—desportivamente falando, é claro...

Pois quando tudo parecia caminhar no melhor dos mundos, quando a iniciativa ia recolhendo simpatias e adesões de todos os lados, surgiu uma dificuldade, na aparência irremovível: a falta de um domingo livre para o efeito! Aos campeonatos regionais seguia-se o nacional. Logo, depois, a «Taça de Portugal». E não havia maneira, nem podia admitir-se, que estas provas oficiais sofressem qualquer interrupção para que o prestigioso jogador recebesse as homenagens que estavam, afinal, no espirito de todos.

Evidentemente que tudo se resolve quando há boa vontade—e o caso não podia deixar de ter, também, a sua solução. Estudou-se o problema e ficou, então, assente que a despedida oficial de Adolfo Mourão se

realize depois da final da «Taça», no domingo 27 de Junho.

A data pode não ser ideal, numa altura em que o público já está normalmente cansado de bola. No entanto, é uma data... E basta o prestígio e a categoria do homenageado, e a simpatia que disfruta em todos os sectores desportivos, para que (estou certo) em Junho como em Abril, em tarde de sol como em dia chuvoso, a consagração tenha a grandesa e o significado merecidos. No entanto...

A pesar de se afirmar que as provas oficiais não podiam sofrer interrupção, apenas admitida para a efectivação do encontro internacional que estava planeado para o passado domingo, e uma vez que este não pôde realizar-se o que já se sabia há bastante tempo não se apressou, como parecia indicado, o andamento do campeonato nacional, —visto que desaparecera a razão suficientemente forte que o interrompia. Não, senhor. O domingo que ficou vago, quanto a mim, aproveitou-se... para se não aproveitar...

Não querendo bater já na tecla tão local de que os jogadores chegam ao final da temporada esgotados pelos esforços a que são submetidos durante três torneios consecutivos, longos e duros, para estranhar que os obriguem a mais este esforço extra-programa, eu penso (e «espelho absolutamente todas as opiniões em contrário...») que o encontro de domingo entre «providentes» e «novos» estava longe de atingir qualquer finalidade prática, —isto se observarmos o caso apenas sob o aspecto desportivo, é claro...

Em primeiro lugar, não sabemos, infelizmente, quando haverá possibilidade da realização de um encontro internacional. Desgraçadamente é uma hipótese remota—e tão remota que nos faz crer que alguns dos elementos agora sujeitos à preparação para esse fim já não poderão, depois, prestar o seu concurso. É o caso de Mourão em declaração de decadência, e o de tantos outros que rondam a idade em que os jogadores portugueses começam a decair ou a pensar na retirada...

Por outro lado nos «novos» nem todos podem considerar-se assim... Muitos dos que desta maneira vão designados já alcançaram a terceira dízia ou estão à beirinha de sair da segunda... Caímos portanto no estafado programa dos prováveis contra os possíveis, com a agravante de muitos daqueles serem já da classe dos improváveis e de alguns dos últimos pertencerem ainda à dos impossíveis...

Claro que as minhas palavras não envolvem qualquer referência desprimorosa, mesmo ligeira, para os ilustres seleccionadores das duas equipas, um o distinto jornalista Tavares da Silva, outro—que foi e já não é—o não menos abalizado e conceituado técnico capitão Ribeiro dos Reis. Penso, porém, que lhes aproveitaram a competência e a boa vontade para a realização de um encontro que o público dispensava, os jogadores também e os próprios clubes ainda mais...

Faltavam datas para a festa de homenagem a Adolfo Mourão? Faltavam datas para os clubes tentarem as suas organizações particulares

Novos & Velhos

Esteve em cena uma peça com o nome posto acima! Novo é aquele que começa e a quem a fé anima... Eu quasi perco a cabeça quando oigo falar... de velhos! Velhos, são trapos, chavelhos e tudo o mais que apeteça!!! De resto, diz a História que da fama e da glória não restam fofoquias notas! Querem saber por que penso desta forma?! Eu vos convengo... Ora vamos lá às provas!

Tavares da Silva arranjou um «team» novinho, em fôlha... Mas quem foi que em tal pensou?! Não julguem que tenho... «bôlha» porque os «novos» são antigos nos campos de futebol!!! Acreditem, meus amigos: — Não é piada de sol...

Mais bem avisado andou «mestre» Ribeiro dos Reis que foi quem seleccionou a equipa... dos «pasteis»!!! Como querem, afinal, que o «onze» de Portugal tenha aura e boa fama?! Se dizem que tal se chama um «team» da «Velha Guarda»... onde há jogadores, em barba, com trinta anos—e mais! Aquêles, são outros que tais, cajazes de mais duração! Para os «novos» lá chegarem têm muito que aprender... (que aprender e que suar!) Mas por este caminho nós ainda havemos de ver o Azevedo a defender com barba até à cintura!!! Vê-se tanta criatura com vontade de subir... e não os deixam lá ir!!!

Por isso é que em Belém, (onde as coisas correm bem...) vi dois grupos de rapazes (novos ou velhos, que importa?) num jogo... de ocasião! E todos foram autazes pensando em passar a porta do Palácio da Ilusão... Tenham santa paciência e esperem, que, também, se não foi nesta emergência será p'ra o ano que vem...

Mas, agora, anoto eu: — O que foi que sucedeu?! Novos & Velhos? Que seca... Ih! Que peça tão antiga! C'os diachos! Com a breca! Acabe-se esta cantiga porque a Verdade é só uma: — São todos «velhos», em suma!

ZÉCAS TLÃO

ou darem descanso aos seus jogadores? Insiste-se em que os torneios oficiais não podem interromper-se sem haver um motivo forte e respeitável que o justifique? Pensam os clubes na necessidade de pouparem os seus principais elementos ao risco de qualquer acidente que os impossibilita de colaborem na fase decisiva, que alguns dêles vão viver, na prova máxima? Parece bem que não... Pelo menos sou forçado a concluir assim pela maneira como foi preenchido o domingo de 18 de Abril, sem vantagens aparentes nem necessidades respeitáveis!

RUI DE LISBOA

A equipa de Lisboa

vai disputar o seu duodécimo jogo

Os «teams» representativos das Associações de Hockey em Campo, de Lisboa e Pôrto, defrontam-se depois de amanhã pela quinta vez. E para assistirem ao «match» — aguardado com justificada curiosidade, em face dos resultados obtidos ultimamente pelas duas equipas — foram especialmente convidados os srs. ministro da Educação Nacional, director geral dos Desportos e presidente da Câmara Municipal.

É a 12.ª «saída» da selecção lisboense, que nos seus encontros anteriores, disputados em Lisboa, Pôrto, Setúbal e Vigo, conquistou seis vitórias (18-5), registando ainda dois empates (ambos sem «goals») e três derrotas (2-8), com um total de 20 «goals» marcados, contra 13.

Para melhor elucidação, damos a marcha desses «matches»:

- 1.º, em Lisboa: contra Pôrto, 5-0.
- 2.º, em Setúbal: contra Setúbal, 0-0.
- 3.º, em Lisboa: contra Setúbal, 1-0.
- 4.º, em Lisboa: contra Setúbal, 3-1.
- 5.º, no Pôrto: contra Pôrto, 0-0.
- 6.º, em Setúbal: contra Setúbal, 3-0.
- 7.º, em Vigo: contra Espanha, 1-2.
- 8.º, no Pôrto: contra Pôrto, 1-4.
- 9.º, em Lisboa: contra Pôrto, 0-0.
- 10.º, em Lisboa: contra Madrid, 3-2.
- 11.º, em Lisboa: contra Macalistas, 4-2.

Este último desafio é ainda recente para ter esquecido — como não esquece facilmente o apurmo dos jogadores, na luta leal e nobre que disputaram, e a disciplina demonstrada em campo, de tal ordem que as entidades oficiais que assistiam tiveram a impressão mais favorável à «cêrea» dos desportos do «stick». A propaganda foi, portanto, a melhor; e como resultante directa verificou-se o interesse manifestado pela modalidade por parte das entidades que presidiram ao «match». Essa circunstância encontrou, dirigentes e praticantes, todos empenhados na campanha da propaganda a que meteram ombros e tão bem orientada tem sido nos últimos anos.

O jogo de sexta-feira tem outras características, particularmente a da competição: é que o «team» de Lisboa só uma vez ganhou, na estreia, e depois disso apenas pôde obter um empate, no último «match». O Pôrto está por consequência com vantagem e por certo não quererá deixar seus créditos por mãos alheias...

No encontro tomam parte os melhores jogadores do país. Alexandre Samagalo e Pedro Silva, respectivamente, seleccionadores dos «teams» do Pôrto e de Lisboa, capricharam na escolha — e apresentam depois de amanhã, no Campo Grande, os mais categorizados elementos das duas regiões. Que a luta decorra com desportivismo e que a vitória caiba ao melhor, eis os votos que «Stadium» formula.

A. Ribeiro da Costa

ALFAIATE DE SENHORAS

ULTIMAS NOVIDADES

245, Rua Augusta, 247

— TELEFONE 2 1040 —

Recordando certa manhã...

SE o nosso querido Leonel der licença, gostaremos de contar aos nossos leitores — aqueles que são incapazes de deixar o «dulce far niente», representado pelo «vale de lençois», às tantas da manhã, para verem a partida dos ciclistas — aquilo que se passou naquela linda manhã de Março ventoso, no momento em que tudo se preparava para a primeira prova ciclista do calendário da Delegação da U. V. P.

Império Santos, com razão ou sem ela, — temos de viver com Sancho, Paulo e Martinho — resolveu trespassar-se, transferir-se, isto é, mudar a cor da sua camisola, listrada de azul e branco, para outra cor mais viva e excitante de «encarnado».

A sua presença sobre a linha da partida envergando tão extraordinário «mailot» deu aos mais desencontrados comentários. E se uns, mais espertos,

rapidamente se aperceberam de que havia algo naquela mudança, outros, mais brancos ou mais ferrenhos adeptos do clube da Constituição, não se «conheciam»...

Qual quê? O Império mudar de clube? Podia lá ser?

Estive com ele ontem à noite — dizia um; falei com ele à saída de casa recordava outro; o Império é um «homem» — argumentava aquele, já mais abalado na sua convicção. E palpavam, cheiravam, olhavam essa cor vermelha, e — suprema ingenuidade... — afirmavam em tom de «quem bebe do fino»: «Não havia camisolas no campo para o Império — e vestiu aquela»...

E a camisola voltava a ser cheirada, palpada, olhada — mas não se mexia, não distingia: era encarnada e encarnada ficava, por muito que os olhos de alguns lhe quizessem ver outra cor!

Foi o caso do dia. Se teve o seu lado desportivo, de realce para as futuras provas, teve também a seu lado picarresco, jocoso, para que nem tudo fosse lágrimas de saudade e — quem sabe? — de... arrependimento.

Quem anda num sino são os salgueiristas. Ninguém os cala, ninguém lhes consegue tolher a a alegria.

Será esta a surpresa que o velho «Salgueiros» nos reservava, ou será no atletismo, modalidade que pretende voltar a praticar este ano?

Quando a «alma» salgueirista fala, quando tem vontade de trabalhar pelo desporto, dá-nos coisas como estas, que nos fazem relembrar tempos de antanho! O Salgueiros!...

Que quantidade enorme de saudades este nome evoca!...

R. A.

À BEIRA RIO...

(Conclusão da pág. 6)

passam por vezes ao treinador ou ao timoneiro, e que não fica mal mencionar, particularmente quando o remador pretende ser corrigido, até atingir a perfeição, — concorrem, sem querer, para uma má classificação. Desde que o conjunto não possua equilíbrio ou não haja conexão e uniformidade, a equipe resente-se e a fadiga surge rápida.

Doze clubes

no campeonato de Lisboa

O «hockey» patinado vai entrar em nova fase de actividade. São em número de doze os clubes concorrentes ao próximo campeonato lisboense, repartido por duas divisões — tal como ficou estabelecido no último congresso da Federação. Continuam os mesmos da época passada — e são os que formam a 1.ª Divisão — e regressa o Sporting, que com os três estreantes (Cascais, Sporting de Oeiras e Tabacos) pertencem ao núcleo da 2.ª Divisão, cujo torneio só começa quando principie a segunda volta da competição que se inicia hoje com os desafios Futebol Benfica-Campo de Ourique, no «rink» do primeiro. Amanhã jogam Ateneu e Lisgás; e até que saia o próximo número de «Stadium» disputam-se mais os desafios seguintes: Académica-Benfica, Hockey de Sintra-Paço de Arcos, Lisgás-Académica e Campo de Ourique-Ateneu. Como se vê, a Federação não poupa os jogadores...

O campeonato prolonga-se até fins de Junho ou mesmo meados de Julho, efectuando-se depois os campeonatos regionais de corridas e os nacionais, de corridas e de hockey — além da Taça de Honra, última competição oficial da época, a cuja abertura se procedeu com um torneio-relâmpago, de que noutra lugar damos resultados.

A patinagem está tendo cada vez mais desenvolvimento e expansão; e não só as provas oficiais ou oficializadas interessam o meio, como, também, aquelas que têm carácter particular. Ainda há dias se inaugurou um «rink», no B reiro, com a colaboração das gentis meninas Quina B. p. tista, Maria Helena Simões e Gina Campos, e já se fala na inauguração de outro recinto da especialidade, este em Faro, no próximo domingo, com uma demonstração de «hockey» pelo «team» do Futebol Benfica, ex-campeão nacional.

É interessante referir este constante e progressivo desenvolvimento de um desporto que pode ser praticado por toda a gente, sem distinção de idades ou de sexos. Claro que o «hockey» é uma derivante da patinagem, um jogo atraente e espectacular, cheio de emoção pela rapidez com que se desenrola, obrigando os jogadores a esforço permanente, a actividade desordenada, porque a maior parte das vezes não há tempo para pensar em pormenores de jogada... A «Mocidade Portuguesa» também agora se interessou pelo «hockey»; e tanto que está a disputar-se o campeonato respectivo. É a própria Federação, segundo nos garantiu pessoa concededora do assunto, vai promover torneios femininos — uma iniciativa que merece bom acolhimento por parte dos interessados, e, desde já, o nosso incondicional aplauso.

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50
6 » » 39\$00
12 » » 78\$00

OURIVESARIA SILVA

JOIAS PRATAS
RELÓGIOS OURO

Taças e medalhas para Sport

Telef.: 96 ————— BEJA

IMAGENS DO "MATCH" DAS SALESIAS

*Em que a selecção dos consagrados
mão foi além do empate
de 3-3 com os "novos"*



A selecção nacional



Simões desarma Palma enquanto Cabrita vê
"em que param as modas,..."



Uma grande defesa de Azevedo



João de Palma conduz uma avançada sob a
ameaça de Gaspar Pinto, que o persegue



A selecção dos "novos"



1 — O Ginásio Clube venceu o Belenenses em «rugby» por 4-0. É a segunda derrota dos «azuis» neste campeonato — em que seguem como leaders». 2 a 5 — Anualmente, as «Escolas» do Exército e Naval disputam encontros em várias modalidades. As fotos mostram-nos a troca de cumprimentos entre os capitães dos grupos de futebol, as respectivas equipas — que empataram 2-2 — e os componentes das representações de esgrima de sabre, que jogaram a taça «Carvalho Araújo». A E. Exército voltou a conquistar este troféu. 6 — Os concorrentes do «Cross dos Quatros», que acabou por ser anulado



A incessante actividade

da «Mocidade Portuguesa»

DUAS circunstâncias nos impressionam grandemente quando nos detemos a observar a actividade desportiva da «Mocidade Portuguesa»: a vastidão dessa actividade, abrangendo simultaneamente várias modalidades, e a maneira brilhante como cada uma de per se se comporta.

Documentam o que acabamos de escrever os dois acontecimentos de maior vulto da penúltima semana: o festival do Campo 28 de Maio e as Regatas Escolares de Remo.

No primeiro, temos a considerar duas partes distintas, ambas com seu significado especial: o desfile para a inspecção aos centros das escolas técnicas e as provas desportivas propriamente ditas.

De facto, os 2.000 filiados que desfilarão garbosamente perante os srs. capitães Gomes Marques e Pereira de Castro, vieram mais uma vez demonstrar a maneira profícua como se trabalha em cada um dos Centros. Só assim realmente se torna possível realizar semelhantes manifestações de conjunto.

E no campo do S. L. e Benfica assistimos — além do desafio de futebol — a animadas e bem disputadas provas de atletismo, com a comparticipação de cinco Centros da Ala 2.

As Regatas Escolares de Remo — a demonstrar o carinho votado pela «M. P.» aos desportos náuticos — constituíram magnífica jornada daquela salutar desporto.

Em qualquer das regatas houve motivos de interesse e de beleza: quer apreciemos a luta emotiva, provocada pela igualdade de valores na primeira, quer admiremos a bela vitória dos Pupilos do Exército, na segunda, quer salientemos a perfeita técnica da tripulação da Faculdade de Ciências, na terceira e última.

Foram estes, de facto, os acontecimentos de maior vulto. Outros há, no entanto, a assinalar.

Estão nesse caso os torneios de «volley-ball» e de «basket-ball», torneios que, pelas suas características especiais, proporcionam a movimentação de grande número de filiados, e ainda o campeonato de «hokey» em patins e o torneio de tiro.

De momento, durante o período das férias da Páscoa, os campeonatos desportivos são interrompidos.

Os filiados da «M. P.» não ficam, todavia, inactivos. Pelo contrário — entregam-se à útil e salutar prática do campismo.

Assim, em numerosos locais admiravelmente escolhidos, acampam, em grupos de 20 a 60 rapazes, os filiados das Alas de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

O número de filiados que estão gosando tão aprazíveis férias eleva-se a 832. E aqui está uma faceta mais da actividade da «Mocidade Portuguesa».

Tal é, na síntese a que a carência de espaço nos obriga, a actividade da «M. P.», a patriótica organização que tanto vem trabalhando pelo revigoramento da juventude portuguesa.

Oliveira Ramos

Pinheiro Veloso e António Jorge

são campeões de Lisboa

SÃO conhecidos, desde a última quinta-feira, os campeões de Lisboa de ténis de mesa, das três principais séries.

A circunstância de terem sido necessários jogos de desempate para o apuramento dos vencedores dos três melhores agrupamentos, emprestou grande interesse à competição.

A jornada de quinta-feira passada ficou, portanto, como das mais animadas da temporada.

Os resultados técnicos são já conhecidos do público. Inútil, por conseguinte, repeti-los. E, deste modo, resta-nos fazer algumas considerações sobre o comportamento dos concorrentes.

Comecemos pela

1.ª Série

A vitória de Oliveira Ramos, que continua de posse do título, não constitui surpresa. Embora a sua actuação na presente época tenha sido menos brilhante do que na temporada anterior, mais por inferior condição física do que por qualquer outro motivo, a verdade é que o melhor jogador do Benfica se mostrou ainda o mais valoroso concorrente. O segundo lugar de Carlos Feio está também de harmonia com as possibilidades do sportinguista.

A classificação de Joaquim Cardoso — um honrosíssimo terceiro lugar — é que pode considerar-se surpresa e excede a expectativa. Os conhecimentos, a calma e a experiência valem muito, incontestavelmente. E todos esses predicados pertencem a J. Cardoso.

Depois, a tabela da classificação dá-nos: Júlio Costa, Trem Torres, Gomes da Silva, Mário Santos II, Gago da Silva e João Antas. Tão pequenas são as diferenças que separam estes concorrentes que somos obrigados a concluir que todos possuem valor igual. E assim é. Seja-nos permitido salientar a pouca sorte de Antas, que, segundo cremos, foi o único concorrente que não beneficiou das lamentáveis desistências.

E agora a

2.ª Série

Ernesto Silva e Pinheiro Veloso disputaram o título da 2.ª série. Na posse de um ou de outro, o título ficava bem entregue. Ganhador o benfiquense Pinheiro Veloso — a revelação da temporada. Bastante novo ainda, há que confiar no seu futuro. A sua primeira grande vitória constituirá, por certo, poderoso incentivo.

Ernesto Silva surpreendeu-nos neste campeonato. Não esperávamos tanto, francamente. Depois classificaram-se: Correia de Lacerda, M. Pedro Silva, Samuel Ettegui, Perdigão Pereira, Carlos Galiano e António Reis.

Por último, a

3.ª Série

Na 3.ª série, o apuramento do vencedor foi mais difícil. Três jogadores estavam em condições de alcançar o título. A primeira «poule» de desempate não deu

foram festejados com uma animada sessão solene

ESTÁ em festa o Sport Lisboa e Benfica, clube de gloriosas tradições do desporto, por motivo da entrada no seu quadragésimo ano de actividade. O Benfica é uma colectividade popular, sem dúvida a mais popular de Portugal, cuja acção, sobejamente conhecida e justamente apreciada, merece os maiores louvores. Pelas suas fileiras têm passado as figuras mais representativas do desporto nacional, desde Cosme Damião a Pires de Almeida, dois valores, de outrora e de hoje. A lista é extensa, esmaltada aqui e ali pelos nomes mais famosos do desporto, alguns inesquecíveis, como o saudoso Álvaro Gaspar, Vitor Silva, José Maria Nicolau, Manuel Dias e outros.

Para celebrar o acontecimento, efectuou-se no pretérito sábado uma sessão solene, no salão nobre da secretaria, a que presidiu o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, director geral dos Desportos, vendo-se ainda na mesa de honra os srs. Cruz Filipe, tenente Joel Pascoal, capitão António Cardoso, dr. Virgílio Paula e capitão Santos Romão.

No decurso do acto, revestido da maior solenidade, discursaram os srs. dr. Augusto da Fonseca, tenente Joel Pascoal, Cruz Filipe e tenente-coronel Salvação Barreto. No final procedeu-se à distribuição de prémios aos atletas do clube vencedores das competições do ano, sendo contemplados cerca de cento e cinquenta com medalhas e entregues duas taças.

«Stadium» saúda o Sport Lisboa e Benfica pelos seus 39 anos de trabalho profícua, apeteccendo-lhe as maiores felicidades.

Actividade dos clubes

O Internacional transferiu para Maio, em dia a indicar oportunamente, o torneio de atletismo inter-sócios que devia disputar-se em 17 do corrente.

A Associação Desportiva da «Brigada Naval» abriu a inscrição, aos seus filiados, para a prática e treino das modalidades seguintes: esgrima, cujas classes estão a cargo do sr. tenente Joel da Silva Pascoal; vela, natação e remo. Vai inaugurar-se brevemente, no quartel de Alcântara, a carreira de tiro reduzido, dirigida pelo sr. Luiz Nascimento Simões. Procedeu-se à inauguração do «court» de ténis.

— Recebemos o boletim n.º 15 da secção de vela do Sport Clube do Porto, respeitante a Março, documento completo das actividades do clube no capítulo dos desportos náuticos.

— Acaba de ser criada no Lisboa Gimnásio a secção de ciclo-turismo, de cuja organização se encarregaram os srs. António Campos Junior, António Carmo Junior, Álvaro Gaspar de Oliveira e Fernando Araujo.

resultado. Só na repetição as coisas se decidiram. Tanto basta para se concluir que o equilíbrio de valores era acentuado.

Classificação final: António Jorge, João Madeira, F. Valentim, Luis Mira, Tátá Fernandes, M. Tomás Costa e Carlos Duarte.

TEE-TEE.

(Conclução da pág. 4)

vaco. Maria Ester disse-nos que entre todas as modalidades que tem praticado prefere a natação, e que de todos os clubes por onde tem passado, o da sua maior simpatia — sem despirar para qualquer outro — é o Algés e Dafundo. Falámos do quasi total afastamento das nossas campeãs, facto que Maria Ester lamenta bastante, contando-nos casos plausíveis — alguns casamentos... — mas apontando-nos também o desinteresse de muitas e, um pouco, a falta de ambiente por parte do público. E diz-nos ainda que tem feito o que tem podido, nunca faltando às competições e levando muitas raparigas — Branca Nieto, por exemplo — à pratica activa do desporto.

Com vista à próxima época, Maria Ester concorrerá, mais uma vez, às provas de atletismo e de natação, para o que se preparará o melhor que puder. Maria Ester fará este ano — assim no-lo afirmou — a sua última época de atletismo. Depois passará a dedicar-se exclusivamente à natação. E, dentro da natação, ao crawl de costas, o «seu estilo» de sempre. Abandonar o desporto, isso é que não!... Pelo menos por ora não pensa nisso! Ainda é cedo. Ainda não se sente «velha»...

A nossa conversa acabou aqui. E hemos de concordar que não poderia acabar melhor...

Prezada leitora: não lhe demos uma entrevista em que ficasse sabendo se Maria Ester prefere chá ou café — mas sim uma certeza — a de que Maria Ester de Moura Cabral não abandonará tão cedo o desporto. É algo melhor — e... que lhe sirva de exemplo, prezada leitora.

ABREU TORRES

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

Não se publica, n.º e número, o cupão referente à 15.ª jornada do campeonato nacional de futebol — o que fizemos no anterior — porque, no pretérito domingo, não houve jogos do torneio a que corresponde o CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA». No próximo número, «Stadium» dará a indicação dos concorrentes contemplados nos boletins n.ºs 13 e 14, repondo, assim, a «casa em ordem»!

Palestras radiofónicas
Divulgação desportiva

A estação emissora «Voz de Lisboa» — um pósto amador de radiodifusão que tem sua sede na capital — vai principiar a transmitir uma série de palestras de divulgação desportiva, em colaboração com a «Stadium». A primeira dessas palestras será proferida na próxima terça-feira, 27, às 20,30 horas, ao microfone de «Voz de Lisboa» pelo nosso camarada Avelar Machado, chefe da redacção da «Stadium», que falará sobre «Esgrima: um pouco de história e divulgação».

Crónica de cinema

No mesmo pósto começa também, no próximo sábado, as suas crónicas semanais de cinema o nosso camarada de redacção Jorge Monteiro, que às 20 horas do dia 24 dirá, ao microfone de «Voz de Lisboa», o que foi a produção cinematográfica durante o primeiro trimestre de 1943.



à lareira

PALAVRAS CRUZADAS SOLUÇÕES

PROBLEMA N.º 5

HORIZONTAIS: 1 — Atem; Sér; Amor. 2 — Lire; Aço; Zovo. 3 — Odio; Las; Adis. 4 — Rol; Ro; Cá; Ola. 5 — Ceheiro. 6 — Baboca; Orduem; 7 — Areal; Ae-reo. 8 — Sal; Sol. 9 — Alarme; Famoso. 10 — Aos; Elo. 11 — Além; Par; Cras. 12 — Raro; Ele; Halo. 13 — Avós; Res; Alar. 14 — Raso; Ara; Rasa.

VERTICAIS: 1 — Alor; Basa; Arar. 2 — Tido; Aral; Lava. 3 — Eri; Bela; Eros. 4 — Meo; Cóa; Ramoso. 5 — Reclamo. 6 — Sa-cola; Espera. 7 — Eça; Aler. 8 — Róscio; Feréza. 9 — Arraial. 10 — Aza; Ode; Mochar. 11 — Modo; Urso; Rala. 12 — Ouil; Meos; Alas. 13 — Rosa; Eolo; Sôra.

PROBLEMA N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Camara; Apodar. 2 — Alar; Pipa. 3 — Lá; Ufamara; Ol. 4 — Amegar; Radica. 5 — Dana; Aba; Orar. 6 — Amoras; Rasara. 8 — Amigos; Pocéma. 9 — Caro; Ata; Amar. 10 — Acamar; Barato. 11 — Ta; Oraculo; Al. 12 — Asar; Loca. 13 — Ramosa; Araxas.

VERTICAIS: 1 — Calada; Aca-tar. 2 — Amam; Maca. 3 — Má; Emolira; Am. 4 — Alugar; Gomo-sô. 5 — Rafa; Amo; Aras. 6 — Araras; Sarara. 8; Aparar; Pa-bula. 9 — Pira; Aso; Alor. 10 — Opados; Caroca. 11 — Dá; Ira-cema; Ax. 12 — Ocar; Mata. 13 — Ralara; Arolas.

PROBLEMA N.º 7

HORIZONTAIS: — Abolira. 2 — Glaiadina. 3 — Amarrarás. 4 — Abalo; Oca. 5 — Cá; Ar. 6 — Ir; Rã. 7 — Dó; Ir. 8 — Alagas; Dá. 9 — Amalucada. 10 — Saboarias. 11 — Saurios.

VERTICAIS: 1 — Acida. 2 — Gabarolas. 3 — Alma; Amas. 4 — Baal; Gaba. 5 — Oiro; Alou. 6 — Lar; Suar. 7 — Ida; Cri. 8 — Rir; Aio. 9 — Anão; Dás. 10 — Ascaridas. 11 — Arara.

PROBLEMA N.º 8

HORIZONTAIS: 1 — Nú. 2 — Nuca. 3 — Lutara. 4 — Pá; Ar; Lá. 5 — Leve; Amor. 6 — Vá; Avinea; Ir. 7 — Rima; Oral; Atar. 8 — Ames; Lava; Lume. 9 — El; Euréma; Aa. 10 — Ardi; Aval. 11 — Ei; Um; Os. 12 — Latada. 13 — Rima. 14 — Lá.

VERTICAIS: 1 — Nuta; Irar; Util. 2 — Nã; Evolui; Ar. 3 — Lava; Edil. 4 — Pé; As; Ré. 5 — Lamela. 6 — Vime. 7 — Rã. 8 — Ocar; Nave; Mama. 9 — Ar; Aclama; Dá. 10 — Alma; Avôa. 11 — Aa; Al; As. 12 — Ri-tual. 13 — Rama. 14 — Ré.

Decifram: *Carlos Buzio* (Lisboa); *Castôu* (Lisboa); *Dissô-queugôsto* (Lisboa); *Geniôpes Sen-rior* (Porto); *Jália* (Lisboa); *José do Canto* (Guimarães); *Pa-pagaio Loiro* (Viseu); *Rabininho* (Paço de Arcos).



O "iluminante" João Rebelo

é campeão distrital de fundo na categoria de independentes

NA terceira e última prova de apuramento para o campeonato distrital de fundo — os 176 quilómetros disputados no domingo, no percurso Lisboa-Alenquer-Tôres-Ericeira-Lisboa — tomaram parte Martins, Rebelo e Aristides, os mais classificados, respectivamente, com 27, 26 e 25 pontos, e ainda Inácio e Bartolomeu, ambos com 22 pontos, Jacinto, (21) Albuquerque, José Ferreira, Raposo e Duarte Sereno, todos com menos de 20 pontos.

Desta maneira, havia três homens que reuniam todas as probabilidades de conquistar o título, não só por possuírem maior pontuação, como também por poderem vir a ser os primeiros classificados nesta corrida, e ainda outros três — Faisca, Inácio e Jacinto — que pensavam (e com razão) que também poderiam ser os vencedores! Era de facto raciocínio aceitável, porque a sua forma actual é já excelente, as características da corrida ajudavam-nos e a abstenção de Lourenço e Lopes — o primeiro recomendo os seus treinos após breve doença e o segundo a contatava com uma gripe, ainda aumentavam mais as probabilidades de triunfo.

Se bem o pensaram, melhor o fizeram...

Foi a situação especial de cada concorrente, em relação à posse do título, que ditou a marcha da prova. Assim, os favoritos só tiveram em mira conservar a vantagem já adquirida, defendendo-se dos mais próximos adversários e deixando aos restantes a tarefa de animar a corrida.

Sem a combatividade de «Faisca» — o homem mais brilhante da corrida, o frenesi de Inácio — sempre animoso, e a impetuosidade de José Ferreira — a atacar por vezes com certo à-vontade, a corrida, que teve, é certo, três fases brilhantes e emotivas (a perseguição de Jacinto, antes de Tôres, e os dois ataques finais de Rebelo, um em Caneças e outro em Carriche, a responder à «estocada» de «Faisca») não chegaria a atingir a craveira de uma competição de campeonato. Mas, assim, os resultados, sem serem extraordinários, aceitam-se como bons.

O homem põe...

Não teve a corrida o desfecho que o desenrolar da mesma parecia indicar. Veio afinal a ser primeiro um corredor — João Rebelo — que se mostrara cauteloso em grande parte do percurso. No entanto, a forma como agiu no final da prova justifica em absoluto o seu triunfo indiscutível.

O «estício» deste estradista em Caneças, com o qual se isolou de toda a gente, a manifestar nítida superioridade; a maneira como «recolou» e depois se adiantou a «Faisca» e Martins em Carriche, embora tivesse «partido» já com os adversários embalados; e a forma confiada como «esperou» pelo grosso do pelotão em pleno Campo Grande, para depois «bater» sem remissão todos os companheiros de luta — são pormenores que por si só bastavam para marcar o merecimento da sua vitória. Mas a justificar o título está também o seu triunfo no contra-relógio e a sua actuação nos «roo clássicos» onde, se não tem «furado», seria, pelo menos, segundo ou terceiro, atrás do rápido Lourenço.

Vencidos mas não diminuídos

José Martins, segundo na prova e no Campeonato, e que parecia à partida o mais apetrechado para vencer, foi batido por um homem que actualmente está talvez mais «senhor de todos os seus recursos». Por isso não se deve sentir diminuído, pois venceu o melhor — como diminuídos não devem sentir-se os estradistas de Armando Rodrigues, que fizeram tudo quanto humanamente era possível para levar a vitória para o Sporting. Mas um corredor de bicicleta, sobretudo quando os adversários valem, não ganha quando quere. E neste campeonato a superioridade da equipa branca e azul estava para a verde-branca como João Lourenço esteve em 1942 para o bloco «iluminante».

Foi tal o empenho posto na luta pelos «leões» que Inácio conseguiu passar para terceiro, no conjunto das três provas, e «Faisca», em forma bastante deficiente no princípio da temporada, apareceu nos 176 km. em tais condições que não será de surpreender vê-lo entre os vencedores da época de 1943.

Quanto aos restantes: António Jacinto fez toda a prova em máquina estranha, ressentiu-se desse facto e esteve algo «apaga-do»; Alberto Raposo, com comportamento de que ele próprio se envergonha nos momentos em que reflecte, foi, a meio da prova, uma sombra de si mesmo; e Ferreira e Sereno portaram-se dentro da possibilidades dos seus recursos.

Tempo dos 176 quilómetros: 1.º Rebelo, 5 h. 33 m. 45 s.; 2.º Martins; 3.º Inácio. Chegaram depois Albuquerque, Raposo, Ferreira, Jacinto, Aristides, Bartolomeu e Sereno.

Os outros campeões

O título de veteranos coube ao qenquista Dias Maia que parece

REFLECTINDO...

Há que retomar o gôsto pelas provas de mar

AS provas de mar tiveram a sua época. Há três ou quatro lustros eram elas que classificavam os nadadores, que lhes davam fama e popularidade.

A travessia do Tejo, nomeadamente, apresentava-se sempre rodeada de especial interesse. Vence-la — era obter uma das maiores vitórias a que um nadador podia aspirar.

Depois, veio a piscina de Al-gés, em 1930, e o interesse pelas provas de mar foi-se diluindo a pouco e pouco. E, assim, é já há alguns anos que se tenta, sempre em vão, a organização do campeonato nacional de fundo.

As piscinas são absolutamente indispensáveis, são mesmo a condição *sine qua non* para que a natação possa progredir. E pena é que Lisboa tenha apenas uma digna desse nome — a de Al-gés, tónica com dimensões regulamentares. Contudo — e é esta a nossa opinião — uma coisa não exclue a outra, isto é, o facto de as piscinas serem absolutamente indispensáveis para o ensino da natação e para a disputa de provas, com vista a registo de «tempos», não quere dizer que se lancem ao ostracismo as provas de mar. Não significa isto, também, que sejamos de opinião que se façam provas de mar todos os dias... Não. Duas ou três por época — mas disputadas em atmosfera de interesse.

Porque a verdade é esta: não há interesse pelas provas de mar. Só isto justifica que tenham deixado de se disputar algumas, por falta de inscrições em número suficiente.

Não há razão para as desprezar. O nadador francês Jean Tarris nunca se recusou a participar na travessia de Paris, que lhe proporcionou vitórias brilhantes. E o seu compatriota Cartonnet orgulhava-se das vitórias obtidas na travessia do Sena, no dia de Natal. No entanto, trata-se de dois nadadores que representam a França nas Olimpíadas.

Entre nós, há, de facto, pouca tendência para o meio termo. Ou tudo — ou nada...

Resumindo, e especialmente para assentar idéias — pois aparece sempre quem leia o que se escreve e o que se não escreve — diremos: há que retomar, com conta, peso e medida, o gôsto pelas provas de mar — que têm numerosas virtudes. Lisboa, que tanto deve ao mar, razão da sua existência e da sua beleza, não deve esquecer-se delas.

O campeonato nacional de fundo é uma prova cuja realização é necessária. A época está à porta. E, talvez, não fosse mais os clubes irem pensando nisto...

ABREU TORRES.

ter-se mostrado, no conjunto das três corridas, superior aos adversários. O Sporting, num contraste interessante, chamou a si, por intermédio de José Pedro Neves, o campeonato de iniciados.

Quanto aos títulos de amadores — seniores e juniores — não estão apurados, pois a prova não concluiu, por deficiências de sinalização.

GIL MOREIRA

Stadium



JOÃO REBELO

do G. D. «ILUMINANTE»
novo campeão distrital de ciclismo

(foto Nunes d'Almeida)